



29-03-2016

ORÇAMENTO DO ESTADO PARA 2016

Marcelo vê boas intenções no Orçamento mas fica de pé atrás

Marcelo Rebelo de Sousa vê boas intenções no Orçamento para 2016, mas não põe as mãos no fogo por ele. O Presidente explicou o que este Orçamento tem, aquilo que lhe falta e deixou o caderno de encargos que é preciso que o Governo cumpra para minimizar riscos.

ELISABETE MIRANDA

elisabetemiranda@negocios.pt

Este Orçamento parte de um “modelo inspirador”, tem notórias “preocupações sociais”, é uma “solução de compromisso” e não ofende a Constituição. Só que não dá garantias de que a estratégia económica vingue e que as previsões para as finanças públicas não descarrilem, forçando o tal plano B. E é por causa destas incertezas que Marcelo Rebelo de Sousa, embora se mostre compreensivo quanto ao contexto e às boas intenções do documento, faz questão de assinalar que não põe as mãos no fogo por ele.

No primeiro de muitos discursos que prometeu dirigir ao País para explicar decisões que considera fundamentais, o novo Presidente da República socorreu-se de um estilo didático para explicar porque promulgou este Orçamento do Estado, deixando uma enumeração do que, em seu entender, este Orçamento tem de distintivo - e positivo - e o aquilo que lhe falta.

Segundo Marcelo, mesmo depois das duras negociações com Bruxelas, este orçamento tem vincadas “preocupações sociais dirigidas para certas camadas da população”. A pressão europeia também resistiu parte do que classifica como um “modelo inspirador”, numa alusão à estratégia de relançamento assente na devolução de rendimentos às famílias e no estímulo ao consumo. O Presidente também vê com bons olhos a cultura de compromisso que ele encerra e que culminou numa não hostilização do documento por parte de Bruxelas. E, condição básica para uma promulgação limpa, não vê ali normas que ofendam a Lei fundamental.



Rui Ochoa/Presidência da República

Só em 2017 saberemos se o modelo económico do Governo vingou, disse Marcelo Rebelo de Sousa na sua comunicação oficial ao País.

Em contrapartida, Marcelo não encontra no documento garantias que apaziguem as dúvidas sobre a fiabilidade das previsões económicas e pelo cumprimento das metas definidas, levantadas quer pelo PSD e CDS, quer por alguns organismos nacionais e internacionais, com Bruxelas à cabeça até ao Conselho de Finanças Públicas. E aqui, o Presidente diz que é preciso esperar para ver como se comportam as variáveis externas e, por outro lado, esperar para ver se o Governo faz o seu trabalho - no que depende de si, porque no passado também houve Orçamentos Rectificativos, fez questão de sublinhar.

Rigor na execução, Plano de Reformas sólido

“Um análise fria dirá que, neste momento, não é possível estar a garantir que as previsões poderão ser confirmadas pela realidade. Há tantas incógnitas, tanta incerteza, que a garantia não pode ser dada”, referiu o Presidente. Entre os cutelos que ameaçam o País estão “os sinais contraditórios” a nível interno, europeu e internacional. Cá dentro, não é ainda certo se a economia está ou não a descolar; para a Europa, ensombreada por uma crise de refugiados e uma ameaça de Brexit, as de crescimento previsões têm sido re-

vistas em baixa; e a nível internacional, é preciso acompanhar como se comportarão os emergentes, os produtores de petróleo e os mercados.

Naquilo que está nas mãos do Governo, Marcelo encomenda-lhe a responsabilidade de não falhar. “Insto o Governo e a Administração Pública a serem muito rigorosos na execução do orçamento, porque é esse rigor que poderá fazer face a uma evolução económica menos positiva ou a menor realismo nas receitas”. Por outro lado, exige um Plano Nacional de Reformas e um Pacto de Estabilidade que dêem substracto ao tal “modelo inspirador”.

Entre os partidos que suportam o Governo, as reacções surgiram com diferentes matizes. O PS mostrou-se satisfeito com as considerações do Presidente sobre a natureza do OE, e, mais, ainda com o facto de Marcelo ter alertado para os riscos internacionais que conferem uma grande dose de imprevisibilidade ao exercício. Igualmente satisfeito, o BE assinala que o documento “traz estabilidade institucional ao país”. Para o PCP, Marcelo disse “o óbvio” e para o PSD, Marcelo não fez nem mais nem menos do que estava ao seu alcance: promulgou o documento, já que não podia ser de outro modo. ■



29-03-2016

Como é que o discurso do Presidente foi interpretado

O Negócios desafiou dois economistas, um advogado e um politólogo a interpretarem as palavras do Presidente. Em baixo pode ler os seus contributos, cujas versões completas estão disponíveis em negocios.pt.



A política é muitas vezes a arte do possível. Resta saber se o possível é suficiente.

MARCELO REBELO DE SOUSA
Presidente da República

Gostámos de ver o senhor Presidente a não alinhar naquele coro de exigências adicionais.

JOÃO GALAMBA
Deputado do PS

[Este OE] termina com o período de sobressalto constitucional e traz estabilidade ao País.

PEDRO FILIPE SOARES
Deputado do Bloco de Esquerda

Certamente deve haver rigor na sua execução, coisa que não acontecia com os anteriores - nos últimos quatro anos, tivemos 12 OE, não é?

ANTÓNIO FILIPE
Deputado do PCP

O modelo inspirador deste OE é errado. (...) É um mau caminho.

JOSÉ MATOS CORREIA
vice-presidente do PSD



Jorge Braga de Macedo
A las cinco de la tarde

Para anunciar que tinha promulgado o Orçamento do Estado para 2016, o Presidente da República escolheu a mesma hora a que o Ministro das Finanças fizera a apresentação da proposta há quase dois meses: "las cinco en sombra de la tarde".

A preocupação do Chefe do Estado relativamente à estagnação secular e a incapacidade em promover o crescimento sequer nominal era conhecida, pelo menos desde a inédita iniciativa de ouvir o Banco Central Europeu no próximo Conselho de Estado. Reforçou essa nota de enquadramento internacional, dando mais força aos três pontos fortes do discurso: previsibilidade, execução e modelo. Neste último soube realçar a importância dos documentos exigidos pelo Semestre Europeu que são o Plano Nacional de Reformas e o Programa de Estabilidade para explicitar o compromisso a que Governo e Comissão Europeia haviam chegado [...].

Temo que a execução orçamental não beneficie os mais precisados. Ainda assim, espero que, com a ajuda das instituições europeias e do FMI, se mantenha o quadro de abertura ao comércio internacional em bens, serviços e ativos financeiros com o qual o Presidente iniciou a sua intervenção a "las cinco en punto de la tarde".



JORGE BRAGA DE MACEDO
Professor da Faculdade de Economia da Universidade Nova

Luís Pais Antunes
E o que se passará a seguir?

Uma frase bastou para resumir o pensamento do Presidente da República: "A política é a arte do possível. Resta saber se o possível é suficiente e isso só se verá com a execução rigorosa do orçamento e com o Plano Nacional de Reformas e o Programa de Estabilidade que irão ser apresentados". Uns respirarão de alívio; alguns dirão que é curto; outros que ficou implícita uma advertência sobre a ausência de margem de erro.

Difícilmente o Presidente poderia dizer algo de substancialmente diferente. Mais do que o que sobrou depois dos recuos que resultaram da pressão de Bruxelas, o que está verdadeiramente em causa é o que se passará a seguir. A discussão sobre o orçamento acabou no dia em que a Europa disse o que estava disponível para aceitar como versão inicial. Agora o tempo é o de saber o que virá a ser necessário num futuro muito próximo. Mas sobre isso o Presidente não quis ainda falar...



LUÍS PAIS ANTUNES
Colunista do Negócios e sócio da sociedade de advogados PLMJ

António Costa Pinto
Declaração indicia maior intervenção

Ainda não é desta que saberemos que "estilo político" Marcelo vai imprimir à sua Presidência, mas para já, o próprio acto de falar ao País nesta ocasião, indicia uma maior intervenção, pois ela foi menos comum nos seus antecessores. Nesta primeira mensagem [...], o conteúdo foi óbvio nas certezas e nas dúvidas. Entre as primeiras um desejo de estabilidade política e os aspectos positivos deste orçamento: para além de repor alguma equidade para não falar da outra "dade" mais constitucional, o orçamento foi aprovado pelo parlamento e Bruxelas. Claro que também sublinhou o universo de incerteza e o rigor com que terá que ser realizado. Mas o fundamental é a mensagem política: "não podemos andar sempre em eleições", ainda que só em 2017 é que saberemos se o modelo económico implícito no Orçamento vai funcionar. De facto, como todos sabemos e o Presidente também, a UE verá ainda antes do segundo semestre como vão as coisas. Marcelo também e o seu esforço será próximo do do Governo [...]: um orçamento menos austero, cumprindo os compromissos do País na EU [...].



ANTÓNIO COSTA PINTO
Politólogo e professor do ICS da Universidade de Lisboa

Sandro Mendonça
Começou o resto do novo ciclo

A Presidência da República promulga o OE fazendo referência ao "caminho estreito" que Portugal tem pela frente. O Presidente enfatiza que este é, talvez, o mais negociado dos últimos anos. É, por isso, um orçamento muito político, de "compromisso".

E, na incerteza da envolvente, o novo inquilino de Belém faz isto: avisa que tal como na técnica do quadrado, o Governo, a Maioria Parlamentar e a Presidência estão inequivocamente a fazer cada um o seu papel na defesa do interesse nacional.

Marcelo afirma ainda que é na implementação que tudo se vai decidir. E que a alternativa à austeridade dos últimos anos é um "modelo inspirador" que vale a pena ser tentado, e que, mesmo assim, não agride compromissos internacionais. [...]

Note-se que nem uma palavra útil foi encontrada no muito ruído feito pela oposição. E, sabendo que o Presidente é assessorado pelo anterior titular da Secretaria de Estado do Orçamento, não se pode dizer que possam haver muitas armadilhas no OE que pudessem ser escondidas. Tudo isto pesa. Começou o resto do novo ciclo.



SANDRO MENDONÇA
Professor da ISCTE Business School

29-03-2016

Orçamento

Marcelo vê boas intenções, mas fica de pé atrás

A análise ao discurso por Jorge Braga de Macedo, Luís Pais Antunes, António Costa Pinto e Sandro Mendonça.



ECONOMIA 30 e 31